**Pamela Lattapiat Navarro e Oriana Donoso Araya - A realidade dos alunos surdocegos que estudam em escolas regulares, com ou sem programas de inclusão, em quatro regiões do Chile (tradução - Kaique Fermiano Manuel)**

**Pamela Lattapiat** [00:00:00] Boa tarde, nossa apresentação de hoje chama-se Ensinando em um ambiente inclusivo: Aulas de ciências, linguagem e comunicação para alunos com surdocegueira. E os palestrantes são minha colega, Oriana Donoso, e eu, Pamela Lattapiat. Somos professoras universitárias de educação especial, na Metropolitan Universidade (Universidade Metropolitana). Para começar, gostaríamos de contar para vocês como este estudo surgiu, e está relacionado com uma série de dificuldades e problemas que encontramos na rotina de escolas para pessoas surdas, assim como escolas de educação especial para pessoas ou crianças que são surdas ou possuem alteração visual. E foi lá que percebemos uma série de problemas que nos levaram a questionar sobre os processos de ensino e aprendizagem em sala de aula em diferentes regiões do nosso país. Estamos na região metropolitana, mas, bom, agora estamos em Santiago, essa é a nossa região. Mas nos preocupamos também com outras regiões do nosso país, por isso queríamos organizar uma equipe de profissionais que tivessem conhecimento sobre essa área, surdez e cegueira. Porém, sabemos que não se trata da soma da surdez com a cegueira. São profissionais que trabalham com crianças com surdocegueira e outros especialistas em escolas de educação especial ou escolas de ensino regular com salas inclusivas. Por outro lado, nós também tínhamos a necessidade do reconhecimento da surdocegueira como uma deficiência única no nosso país. Outros problemas que queríamos investigar e para ter conclusões futuras a respeito, correspondem aos seguintes questionamentos: se o serviço educacional prestado nas escolas regulares e escolas de educação especial casam com as necessidades destes estudantes. Se os professores têm os materiais necessários e apropriados para trabalhar com esta população. Quais são os processos de ensino e aprendizagem que devem ser usados para linguagem, comunicação e ciências naturais com a população com surdocegueira correspondentes com o currículo? Pois bem, diante deste problemas, traçamos o objetivo do nosso estudo, e como objetivo geral, decidimos descrever e caracterizar o processo de ensino-aprendizagem nas áreas de linguagem, comunicação e ciências naturais no ensino de alunos com surdocegueira. Com base nesta problemática, tínhamos o objetivo específico de descrever esta população quanto ao seu currículo e aos tipos de surdocegueira que existiam. Queríamos caracterizar a população descrevendo a forma como se comunicam, as faixas etárias, os níveis de escolaridade. Também queríamos descrever os profissionais, os professores e outros profissionais que interagem com os alunos com surdocegueira em seu processo de ensino e aprendizagem. Portanto, para nos aprofundarmos nesta questão, gostaríamos de falar sobre algumas informações básicas ou um quadro teórico e, portanto, queríamos que vocês soubessem que primeiro, foi importante levar em conta nossos próprios programas de graduação e pós-graduação na Metropolitan Universidade onde trabalhamos. Nosso departamento tinha um departamento focado em alterações visuais desde 1995, e tinha um projeto que estudava cegueira em toda a América Latina, e foi patrocinado pela Perkins Internacional. O objetivo era treinar profissionais por toda a América Latina e Caribe sobre múltiplas deficiências e surdocegueira. Começando em 2000, iniciamos um programa de mestrado em educação especial e múltiplas deficiências. Percebemos também que precisávamos reunir algumas estatísticas e, antes de mais nada, nos referimos à Pesquisa Nacional de Deficiência, que foi realizada no ano de 2004. Mostrando que o acesso à educação dessa população era de 8,48%. 91,52% dessa população não estudava, não teve acesso à educação. E este número se baseia em uma população de 2.608.072 pessoas com deficiência em um universo estatístico de 15.998.047 pessoas na população chilena. Então pudemos ver que no ano de 2004, já fazia muito tempo que não havia estatísticas recentes, então esse era um problema sério. Além disso, constatamos que havia uma pesquisa realizada em 2012 e tínhamos algumas informações dessa pesquisa, mas em geral não tínhamos informações estatísticas. Então, eu diria que entre as informações importantes que encontramos em nossa pesquisa, precisávamos de mais embasamento estatístico e a Universidade Metropolitana realizou alguns estudos em 2009 e 2010, e houve um estudo descritivo das condições de vida e da localização geográfica da população com surdocegueira e múltiplas deficiências. E isso nos levou a identificar uma porcentagem de alunos que estavam nas escolas. E realizamos um estudo patrocinado pelo Ministério da Educação e Perkins Internacional. Isso resultou em uma formação que foi realizada em 2010. Denominada Formação de Desempenho, Acompanhamento e Avaliação de novas propostas pedagógicas para professores e familiares de alunos com necessidades especiais, surdocegueira e autismo. Posteriormente, foi realizado um segundo estudo nacional de deficiência em 2015, realizado pelo Ministério do Desenvolvimento Social, que estabeleceu o cadastro de pessoas com deficiência. Ainda não foi possível generalizar conclusões com base na população de pessoas com surdocegueira, que foi nossa grande preocupação neste estudo, sabíamos ainda menos sobre como os professores estavam trabalhando com os alunos em sala de aula, e por isso precisávamos reunir mais informações anteriores sobre o assunto. Ao mesmo tempo, em nosso país, a educação no Chile vem passando por mudanças desde 2005 até hoje em direção à inclusão e à utilização de um currículo nacional para todos os alunos. E isso foi apoiado pela assinatura de políticas e decretos legais que regulamentam a educação em todo o Chile. Um deles é o decreto nº 170, que estabelece normas que determinam como os alunos com necessidades especiais seriam beneficiados com um subsídio especial. E queremos ressaltar que nesses estudos, como a educação no Chile é subsidiada pelo governo, há uma certa quantia que o estado fornece para cada aluno. Um valor para alunos do ensino regular sem deficiência e outro ligeiramente superior para alunos com deficiência. E a partir de 2006, um subsídio especial para alunos com deficiência múltipla. E dentro desse grupo, consideramos os alunos com surdocegueira e também temos um regulamento que diz que a turma não pode ultrapassar oito alunos com um professor, um assistente técnico e algumas horas para outros profissionais. Além disso, até 2015, o Ministério da Educação emitiu o decreto legal 83. Isso se chama diversificação no ensino, e isso afeta todo o ensino no Chile, sejam escolas regulares ou escolas especiais. Oferece garantias explícitas a todos os cidadãos quanto à sua educação, acesso, qualidade e financiamento da sua educação. Então, como realizamos este estudo de pesquisa? Nós o dividimos em fases. Primeiro, tivemos que determinar nossos grupos de amostra. Para isso, escolhemos algumas regiões que tinham a maior quantidade de população de pessoas com surdocegueira. Só selecionamos a região cinco, a região seis, a região oito e a região metropolitana. Realizamos uma pesquisa sobre a população de pessoas com surdocegueira e a população de pessoas com múltiplas deficiências, nessas áreas. Levamos essas pesquisas para todas as escolas dessas regiões e dessa forma pudemos determinar nosso grupo de alunos com surdocegueira porque esse era o nosso objetivo. Queríamos encontrar os alunos com surdocegueira nessas escolas, estejam eles em escolas bilíngues para estudantes surdos, escolas especiais para crianças com alterações visuais ou programas de educação regular com inclusão ou integração. Para fazer nosso trabalho de campo, baseamos nosso estudo nos resultados da pesquisa, identificamos 12 alunos nessas regiões e começamos a trabalhar com esses 12 alunos. Então nós os selecionamos de todas essas regiões, e uma vez que tivemos o grupo de 12 alunos, meninos, meninas e jovens, começamos a fazer nosso trabalho de campo. Em particular, viajamos para as escolas e fizemos gravações dentro da sala de aula, realizamos grupos com os professores que estavam trabalhando com cada um desses alunos. E com base nessas atividades, começamos a analisar diferentes elementos do nosso estudo. Como mencionei antes, tivemos vídeos e também observações que realizamos dentro de cada sala de aula. Agora... isso não aconteceu em momentos aleatórios. Só gravamos quando eles estavam tendo uma aula de linguagem e comunicação ou uma aula de ciências. Fizemos gravações de vídeo a cada duas semanas por aproximadamente um período de cinco meses dentro das salas de aula e somente durante aulas de linguagem e comunicação e ciências naturais. A etapa seguinte foi muito importante porque uma vez que identificamos as escolas onde iríamos trabalhar, nos vídeos que estávamos analisando, queríamos ver como eram as interações entre os professores e alunos com surdocegueira, e as interações entre os professores e outros profissionais que interagiam com os alunos em sala de aula. Então começamos a compilar uma descrição caracterizando a população de pessoas com surdocegueira baseado nos vídeos que fizemos nas aulas de ciências naturais, linguagem e comunicação. E isso nos permitiu corroborar o que tínhamos visto nos vídeos junto com nossas visitas presenciais nas escolas, bem como as entrevistas que realizamos com os profissionais que trabalhavam lá. Por meio dessas visitas, pudemos ver os pontos fortes e fracos de cada situação de ensino e aprendizagem em todas as escolas.

**Oriana Donoso** [00:14:48] Como primeiro resultado, eu diria sobre esta pesquisa, seria o estabelecimento de redes, redes de trabalho com instituições da região metropolitana e de todas as regiões do Chile. Também pudemos visitar uma escola na Argentina, que era chamada de Escola Fátima. Nós conseguimos reunir mais informações e conseguimos aperfeiçoar nossa pesquisa. E com isso conseguimos assinar outro acordo entre a escola privada e a universidade e estamos trabalhando juntos. Também pudemos realizar um censo da população de pessoas com surdocegueira e sua situação na escola de acordo com os padrões que tínhamos determinado em nosso censo e de acordo com nossa base nas regiões onde estávamos fazendo a pesquisa. Esta pesquisa também levou a outra dissertação na universidade e eles aprofundaram o estudo em torno da região metropolitana e conseguimos localizar 22 estudantes com surdocegueira. Assim, temos mais informações e podemos fazer pesquisas no futuro em torno de seus métodos de aprendizagem e ensino. A identificação da situação de escolas que atendem a população de pessoas com surdocegueira nas regiões com maior densidade, foi realmente uma boa decisão em termos de restringir nosso campo de estudo. Realmente, encontramos estudos sobre alunos em níveis muito diferentes de formação e capacitação dos profissionais. Conseguimos identificar também qual era a forma de comunicação entre os alunos com surdocegueira e seus professores. Conseguimos aprofundar nossas conversas com eles sobre inclusão em sala de aula para pessoas com deficiência nessas áreas, especificamente nas aulas de linguagem e comunicação e ciências naturais. Também conseguimos identificar certas características que foram capazes de nos ajudar a descobrir os elementos didáticos das estratégias que os professores estavam utilizando nessas aulas com essa população. Identificamos uma importante necessidade relacionada à formação e capacitação dos funcionários, não apenas dos professores que trabalham diretamente com a população de pessoas com surdocegueira, mas também de toda a equipe, todos os assistentes, auxiliares, professores assistentes que atuam com a população de pessoas com surdocegueira. Também conseguimos obter, neste estudo, um banco de dados como Oriana mencionou, além do outro estudo dos alunos sobre essa outra dissertação. Neste banco de dados, conseguimos identificar toda a população de crianças com surdocegueira da região metropolitana e também das outras regiões que acabamos de mencionar. Por outro lado, é importante promover o reconhecimento da surdocegueira como uma deficiência única. Notou-se que muitos profissionais que trabalham com essas crianças não reconhecem a surdocegueira como uma condição única, e não incluem essas crianças nos programas regulares de educação. Muitas pessoas não reconhecem crianças com surdocegueira. Em primeiro lugar porque elas não reconhecem a surdocegueira como uma deficiência em si e sim a soma de surdez com cegueira. É muito mais do que isso. Há muito trabalho que precisamos fazer a respeito disso. Graças a isso, muitos professores passaram a reconhecer que eles realmente tinham alunos com surdocegueira. Por outro lado, também foi importante determinar esse banco de dados de crianças com surdocegueira e suas famílias para promover uma rede entre si. Como Oriana mencionou antes, esse banco de dados nos permitiu fazer reuniões, fazer treinamento para que as próprias famílias pudessem conhecer umas às outras. Eles poderiam se reunir e formar uma rede importante. Para troca de experiências. Mais uma vez, quem são nossos alunos? Quem são os estudantes com surdocegueira que fizeram parte dessa população estudada? Como eu disse, havia 12 alunos de diferentes níveis educacionais. Tivemos alunos com surdocegueira congênita que tinham diferentes níveis de resíduo visual e auditivo, crianças com síndrome de Charge. Tivemos crianças com surdocegueira adquirida. Tivemos duas crianças, irmãos, com síndrome de Usher. E isso foi ótimo porque conseguimos iniciar um treinamento com diferentes linguagens táteis porque eles ainda tinham visão e audição residual, mesmo explicando que tivemos outros dois que não tinham nenhuma visão ou audição residual, e com um deles, conseguimos desenvolver progressos importantes em termos de linguagem de sinais tátil. E ele está sendo apoiado pela sua incrível família e pelo Centro Regional da Perkins Internacional no Chile. Também encontramos um jovem adulto com surdocegueira que nunca teve acesso à educação. Devido ao acesso tardio apresentava limitações óbvias, mas ele finalmente está aprendendo. Também encontramos casos de surdocegueira adquirida em diferentes programas relacionados à inclusão escolar. Através destes programas, conseguimos perceber as necessidades tanto dos alunos quanto dos profissionais que atuam nessas escolas. Nas escolas regulares notou-se uma grande falta de formação. As escolas regulares não têm, não tinham os mesmos níveis de apoio. Uma das escolas e a escola regular com integração tinham um intérprete de língua de sinais, em outras não. Eles não tinham intérpretes. Assim, praticamente todas as modificações foram feitas intuitivamente pela empatia e boa disposição dos professores. Infelizmente, nem todas as escolas tiveram o apoio de especialistas, seja em surdocegueira, cegueira e muito menos um especialista em linguagem de sinais. Por outro lado, com nossos alunos, temos essa grande questão do que vai acontecer com eles quando saírem do sistema escolar? Quais serão suas oportunidades de se inserirem no ambiente de trabalho? Também olhamos para os profissionais e a equipe. Podemos realmente dizer que todos os profissionais com quem temos contato tiveram motivação e tentaram fazer o melhor esforço. 52,1% dos professores eram professores de educação especial, 17,3% dos professores eram professores regulares, 8,6% eram professores do ensino fundamental. Entre os professores auxiliares, tivemos 21,7%. Do total de assistentes, 80% deles tinham algum tipo de formação técnica, mas 20% deles não tinham nenhuma informação, apenas treinamentos. Do total de (PA) professoras auxiliares 40% das pessoas que encontramos eram surdos que usavam a língua de sinais chilena e estavam se comunicando com os alunos através de línguas de sinais tátil. Também descobrimos que 21% desses profissionais não tinham conhecimento suficiente sobre surdocegueira. Por outro lado, foi difícil e muito complexo tentar retirar informações nos contatos iniciais, já que muitas escolas não tinham informações sobre seus alunos. Por exemplo, muitas escolas não sabiam qual é o tipo de surdocegueira ou a idade que adquiriram. Eles não sabiam se os alunos tinham surdocegueira congênita, se eles tinham habilidades auditivas ou visuais residuais. De qualquer forma, não conseguimos obter 100% das informações porque as próprias escolas não tinham essa informação. Mas, em geral, nas escolas que visitamos, havia uma falta de profissionais que usassem métodos de ensino que favorecem a abordagem multi-sensorial. Obviamente há motivação. Há uma boa disposição entre os professores de todas as escolas, sejam professores de educação especial, professores auxiliares ou professores do ensino regular. Além disso, professores assistentes tiveram uma grande motivação para trabalhar e aprender. No entanto, observamos que eles não tinham a especialização conhecimento e treinamento sobre a área específica da surdocegueira. Observamos que havia dificuldades no uso dos métodos de ensino que têm a ver com a comunicação. Então não há acesso à comunicação, e isso ficou claro. Também no que diz respeito à educação baseada no movimento e na linguagem tátil, o que obviamente influencia sua forma de ensinar e a forma de se comunicar com os alunos, além de tudo o que se relaciona com simbolização, que poderia ser usado com os alunos. Então, definitivamente, vemos que há uma grande lacuna a ser preenchida considerando todos os funcionários.

**Pamela Lattapiat** [00:29:14] Para fazer uma classificação funcional das pessoas com surdocegueira, pretendemos descrevê-las quanto à ordem de aparecimento da deficiência e também citar os sentidos residuais, conforme proposto pela Associação Internacional de Surdocegueira. Então tivemos que fazer mais estudos sobre cada um de nossos alunos. Qual foi o nível de comunicação de cada um, uso de símbolos e abstrações? Foi muito útil para nós referirmos aos níveis de comunicação do trabalho de Roland e Dremel Campbell para que pudéssemos fazer uma classificação mais precisa das características dos alunos com surdocegueira do estudo. Além da formação escolar, muito diversa, visto que alguns deles receberam alguma formação em idade adequada e outros não, eu diria que a classificação que conseguimos estabelecer foi bastante importante a partir desta fonte bibliográfica. Nossa análise do trabalho de campo também nos levou a considerar a teoria de Jan van Dijk, sobretudo seus estudos sobre a surdocegueira congênita. E em dois dos centros onde fizemos a pesquisa, sabíamos que eles tiveram treinamento, um ou dois dos professores fizeram um treinamento, tiveram aulas da Associação Internacional de Surdocegueira ou participaram de um treinamento realizado pelo Maeno, Duke, Perkins e UMCE em 2010. Eles tinham certo conhecimento das teorias de Jan van Dijk e do uso de sistemas de calendários. Pudemos também olhar para as situações do cotidiano que decorriam nas salas de aula com base na teoria de Miguel Albert Solaire e nas suas técnicas multissensoriais. Pudemos então abordar essas situações e olhar para as áreas da comunicação e das ciências a fim de aprimorar os métodos de ensino, não só para os alunos com surdocegueira, mas para todos os alunos da sala de aula. Quanto às conclusões do nosso estudo, pudemos determinar três elementos que são muito importantes a serem considerados. Com base nas informações, no nosso trabalho que realizamos com os professores, nas nossas observações em salas de aula e nos grupos focais que os profissionais realizavam, vimos que falta informação dos profissionais sobre a surdocegueira. Então vimos que há muita necessidade de treinamento desses profissionais que atuam com alunos com surdocegueira. E isso não foi concluído apenas através da nossa observação, os próprios profissionais estavam solicitando que fizéssemos um treinamento para que eles pudessem entender melhor o seu próprio trabalho, como trabalhar com essas crianças ou como melhorar o trabalho que fazem. Eles queriam melhorar o acesso à comunicação e a todos os aspectos do currículo escolar. Ao mesmo tempo, havia um desconhecimento das estratégias didáticas que essa população exige. Vimos que havia uma variedade entre as meninas, meninos e jovens com surdocegueira. Cada um deles tem necessidades especiais, e o trabalho com eles deve ser individualizado. Portanto, os profissionais devem ser treinados para realizar esse trabalho. Vimos que existe uma dificuldade, um problema de o que exatamente o professor deve fazer com esses alunos? E como eles devem trabalhar não só com o aluno, mas com o professor auxiliar que também está trabalhando com o aluno. Então, como é possível realizar o trabalho em equipe entre os profissionais dentro da faculdade para UMA ABORDAGEM contínua, um trabalho mais coerente, mais holístico para promover a formação do aluno? Notamos também que não há somente falta de conhecimento de estratégias didáticas, mas também há um problema em saber fazer o trabalho em equipe com diferentes profissionais. Como você compartilha informações? Como você transmite informações? Como você trabalha em equipe e como compartilha treinamentos? Também vimos que houve alguns problemas administrativos. Quantas horas o professor profissional deve ter para trabalhar com os professores auxiliares ou com outros profissionais? Essa é outra área que precisa de pesquisa: a dificuldade de comunicação, de interação entre os profissionais. Como os diferentes profissionais entrarão em contato uns com os outros para que possam realizar trabalhos que beneficiem os alunos com surdocegueira? Vimos também que há outras linhas de pesquisa a serem realizadas para promover a educação da população de pessoas com surdocegueira e beneficiar suas famílias, pois estas são bastante isoladas, sozinhas. Precisamos criar redes entre as famílias, entre os profissionais e todos que atuam com a população de pessoas com surdocegueira. Gostaríamos de concluir com esta foto onde vocês podem ver muitas pessoas que ajudaram no nosso estudo. Vemos muitos profissionais, especialistas e pais, porque pensamos que se vocês querem melhorar a educação de alunos com surdocegueira é fundamental trabalhar em equipe. Muito obrigado, obrigado pela gentileza.